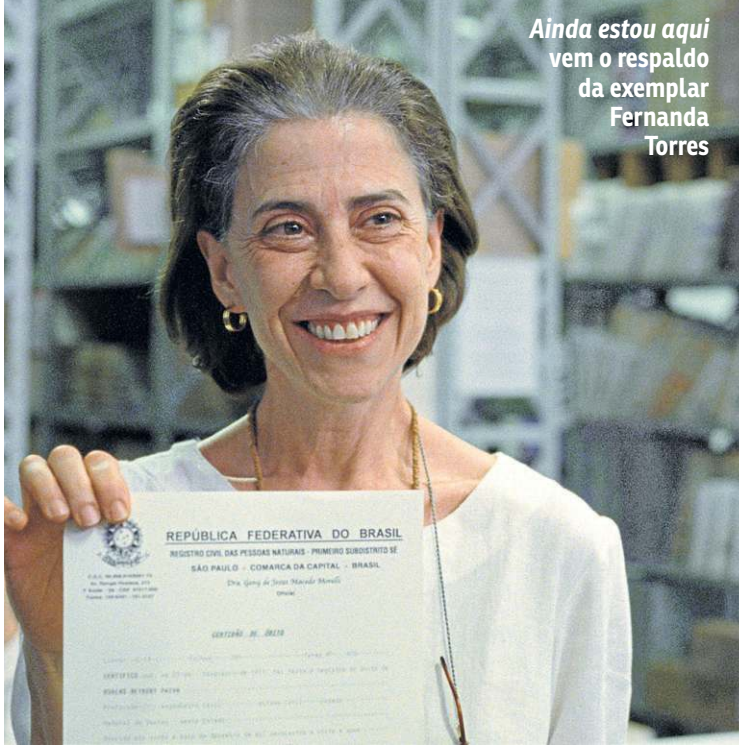


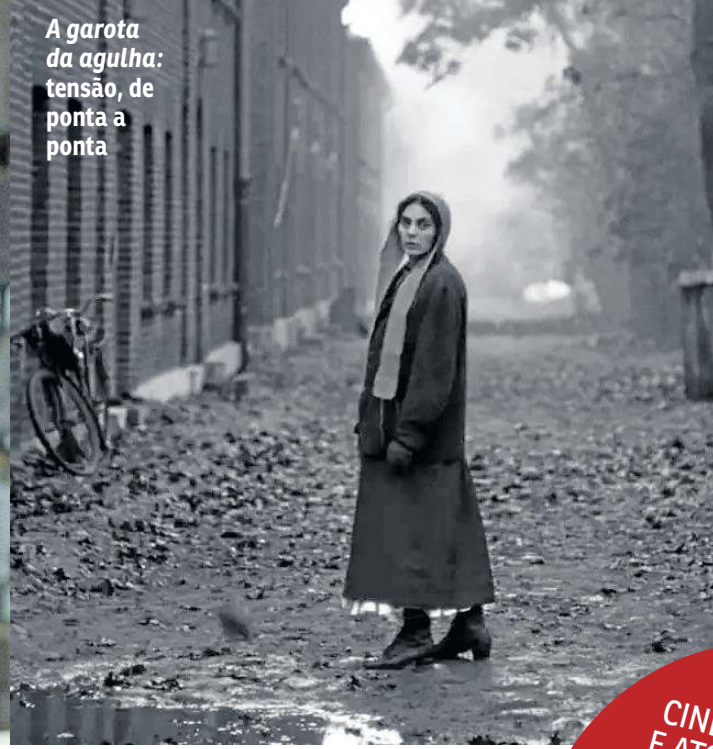
Divulgação

A Garota da Agulha/Reprodução

Dream Well Studio



**Ainda estou aqui** vem o respaldo da exemplar **Fernanda Torres**



**A garota da agulha:** tensão, de ponta a ponta



**Flow:** melhor animação no Globo de Ouro

» RICARDO DAEHN

**N**ão há gabarito na hora das apostas para definições dos premiados no 97º Oscar. Ainda assim, críticos experientes como Neusa Barbosa (editora do *Cineweb*), Inácio Araujo (*Folha de S. Paulo*) e José Geraldo Couto (do blog de cinema do Instituto Moreira Salles) arriscam antever prêmios movidos, ora por gosto pessoal, ora por visão da conjuntura típica no comportamento da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. “Acho que *Anora* leva melhor filme, especialmente por ter vencido a premiação do Sindicato dos Produtores dos EUA”, aponta Neusa, ao que Inácio completa: “*Anora* pode levar o prêmio de roteiro original por ser um filme bem interessante, original e que revitaliza o gênero da comédia maluca, comum sobretudo nos anos 1930 e 1940. As qualidades inegáveis e o equilíbrio entre drama, aventura e “comédia de erros, com um leve toque de erotismo” favorecem *Anora* como melhor filme, na opinião de José Geraldo Couto.

Entre as atrizes, a aposta dominante é em torno de Demi Moore, por *A substância*. “Considero a Fernanda Torres uma atriz muito superior, mas Hollywood adora essas ‘reparações’ e ‘histórias de

# PALPITES NA CONCORRÊNCIA ACIRRADA

CINEASTAS, CRÍTICOS E ATORES AVALIAM AS POSSIBILIDADES DE AINDA ESTOU AQUI E DE FERNANDA TORRES GANHAREM ESTATUETAS DO OSCAR EM UMA EDIÇÃO MARCADA POR DISPUTAS IMPREVISÍVEIS

superação’, além da valorização da luta contra o etarismo”, destaca José Geraldo. A incógnita da “impecável” Fernanda alcança os outros especialistas. “Pelo indicador do SAG, acho que Demi Moore deve levar. Mas não acho que Fernanda Torres não tenha chance nenhuma: os votos podem ter se dividido entre Demi e Mikey Madison (de *Anora*), favorecendo Fernanda. Quem sabe?”, pontua Neusa. “Fernanda está bastante bem no papel da Eunice Paiva, mas acho que Hollywood pode querer lançar uma nova estrela como Mickey Madison”, opina Inácio Araujo.

No quesito ator, há quase consenso no voo de Timothée Chalamet (o Bob Dylan de *Um completo desconhecido*). “Você passa o filme vendo o ator, mas tendo a sensação de estar vendo o Bob Dylan”, diz Inácio. A personificação “mimética”, segundo José Geraldo, também convenceu Neusa Barbosa. Balizada pelo resultado do Sindicato dos Diretores dos EUA, “um indicador bem seguro”, Neusa crê ainda na premiação do diretor Sean Baker, de *Anora*.

Descrente dos concorrentes a filme internacional (na disputa contra o Brasil), Inácio Araujo demarca: “*Ainda*

*estou aqui* tornou-se um filme importantíssimo para o Brasil, pela repercussão que ele teve não só no exterior. Aqui, hoje, ele é um fato social: tem pessoas que nunca ouviram falar de ditadura e o filme merece uma atenção grande. *Emilia Pérez* me parece um filme mais original que faz você cair da cadeira. Um brutamonte, chefe de gangue mexicana, e que se transforma em mulher, num musical?. Qualquer um dos dois poderia ganhar”.

Para Neusa, há uma escalada em jogo. “Aposto muito no filme brasileiro, por toda a campanha e repercussão que o filme teve a partir do

prêmio de roteiro em Veneza, e que ganhou mais destaque com o Globo de Ouro para Fernanda Torres. Poucas vezes vi uma campanha tão bem-feita e cuidadosa como a Sony fez para o filme, que foi lançado nos EUA e em vários países europeus, acumulou muitos prêmios e manteve o foco. Fernanda também vem sendo super-importante, dando entrevistas em órgãos relevantes, falando bem inglês, mostrando-se divertida e inteligente, como já sabíamos que é”, demarcou a crítica.



**Eu diria que o filme *Ainda estou aqui* tem possibilidades mais concretas de longa internacional”**

**Peter Debruge**, editor de crítica da Variety

## A QUALIDADE DOS FILMES ESTRANGEIROS

Adaptação a tempos de violência quase insondável ou mesmo altamente estruturada e luta por autossuficiência parecem dar as cartas para os personagens dos longas em disputa como melhor filme internacional no 97º Oscar, que será apresentada hoje. Junto com a torcida por *Ainda estou aqui* (que alinha a concorrente a melhor atriz Fernanda Torres e os produtores Rodrigo Teixeira e Maria Carlota Bruno, indicados ainda a melhor filme),

os espectadores brasileiros podem celebrar um conjunto de títulos de altíssima qualidade dispostos ao lado do filme sobre Eunice Paiva e dramas da ditadura comandados por Walter Salles.

Na mesma plataforma de visibilidade de *Ainda estou aqui*, o longa de animação da Letônia, *Flow* (nos cinemas) foi coproduzido ao custo de módicos US\$ 3,5 milhões por três estúdios e venceu o Globo de Ouro de melhor animação. O diretor Gints Zilbalodis (que esteve na mostra Um certo olhar do Festival de Cannes), aos 29 anos, mostra um filme sem diálogos, sem cair no corriqueiro uso de conversas para animais protagonistas. Eles estão num título mudo, mas com recado potente.

Como a animação *Robô selvagem*, há devastação operante em *Flow*, desenvolvido ao longo de cinco anos, e que traz uma trama de lacunas humanas: repleto de pegadas de uma civilização submersa, o solitário gato preto do título se adapta a uma jornada com a cara do drama *As vidas de Pi*, em que, num barco, convive com paisagens míticas. Com características legítimas, preservadas na ação da computação gráfica, o gato tenta se integrar, dentro de traços budistas e cercado de dados taoístas, à patota com capivara, labrador, ave e lêmure, todos dentro do barco.

Na plataforma da Mubi, o drama em preto e branco *A garota da agulha*, expõe, numa Dinamarca

pós-Primeira Guerra, um envolvente circo de horrores à la David Lynch (e seu clássico *O homem elefante*). O brilhante filme do sueco Magnus von Horn, criado na Polônia, competiu no Festival de Cannes de 2024, ao examinar o desprezo dos cidadãos à margem: Karoline (Vic Carmen Sonne) se afasta de Peter (Besir Zeciri, deformado) e tenta uma união com o empreendedor Jorgen (Joachim Fjellstrup). Sob uma direção de fotografia esplendorosa de Michal Dymek (premiada no Festival de Filme Polonês, berço da escola de fotografia de Lódz), o filme avança numa trama sobre lares adotivos e um horror realista a fazer par com Bergman e a literatura dos irmãos Grimm.

Dentro de rede de controvérsia, o longa *Emilia Pérez* finaliza a disputa com *Ainda estou aqui*, listado junto ao filme alemão *A semente do fruto sagrado*. Incitando preocupação com representatividade e com limites na liberdade por criações, filme sobre um contraventor tornado trans, o musical francês *Emilia Pérez* concorre a 13 prêmios no Oscar (inclusive melhor filme). Já *A semente do fruto sagrado*, situado num Irã surreal em termos de liberdade, aposta na revelação do destino das irmãs Sana e Rezvan e dos pais delas (a dona de casa Najmeh e o manipulado juiz Iman), quando o governo dá muito lastro às denúncias de extrema violência contra inocentes. (RD)

EXCLUSIVO

## ESPECIALISTA VÊ REAIS CHANCES PARA O BRASIL

Crítico de cinema e um dos editores da famosa *Variety*, publicação presente desde o início do século 20, em Nova York, e estabelecida em Los Angeles (a meca do cinema), desde 1933, Peter Debruge conta, ao *Correio*, que matura a temporada dos Oscar, indiretamente, ao longo do ano em seus textos. “Estou na linha de frente, analisando os filmes tão logo lançados. Faço isso desde 2001”, revela. Aos 47 anos, ele assiste aos filmes de edições anteriores dos Oscar. Costuma ser certeiro nas previsões de premiação. Na entrevista ao lado, Debruge destaca os fatores-surpresa de *Ainda estou aqui*, trata das reais chances da conquista de Fernanda Torres e analisa a escalada internacional do cinema brasileiro. (RD)

## ENTREVISTA // PETER DEBRUGE, EDITOR DA CRÍTICA DA VARIETY



**Como analisa a indústria audiovisual brasileira e a possibilidade de vitória para Fernanda Torres no Oscar?**

“Não acho que Fernanda Torres seja a favorita, pois me parece o ano de Demi Moore. Demi é atriz que faz parte da indústria americana há muito tempo e fez algo cru e muito corajoso: colocou a imagem e o corpo dela, além de ter tido a insegurança meio que exposta, ao mundo, em *A substância*. Dito isto, as cinco finalistas são claramente amadas. Foi assim que receberam indicações. Todas elas têm chances. E acho que o que vimos acontecer com *Emilia Pérez*, como que tirou a concorrente direta da Fernanda da jogada. Karla Sofia Gascón (de *Emilia Pérez*), dada a personalidade, o modo de comunicação nas redes sociais e a forma como ela lidou muito mal com as consequências dos fatos recentes, teve um ofuscamento. Há pessoas que estão à procura de celebrar o talento internacional nesta categoria, e acho que a Fernanda Torres vai se beneficiar da ideia de que Karla teve a corrida abandonada.

**Quais os próximos passos da nossa cinematografia em caso de vitória?**

Uma coisa ótima sobre as últimas edições do Oscar é que tem se tornado muito mais internacional no seu foco e na integração do corpo votante. Acrescentaram muitos novos membros, muitos membros em todo o mundo, há este tipo de expansão. Isso levou a um número muito maior de indicados internacionais e também tem mostrado um melhor gosto da Academia, à medida que tem expandido o foco. O tipo de

cinema tradicional americano, de estúdio, tem saído em favor do aumento do que eu chamaria de filmes de autores. São filmes bem mais pessoais, feitos por diretores artísticos, que pensam na integridade do seu trabalho. Despreendem-se da preocupação comercial que está atrelada ao modelo de cinema americano. Portanto, esse é o tipo de contexto, mas as várias indicações de *Ainda estou aqui* refletem o grupo da qualidade. Agora, há filmes incrivelmente fortes com uma dimensão política importante. Servem meio que de farol aos nossos tempos atuais.

**E quanto ao melhor filme internacional?**

Na categoria diria que o filme *Ainda estou aqui* tem possibilidade mais concretas, como longa internacional. Nessa área, compete com *Emilia Pérez* também. Essa, aliás, é sempre uma categoria muito forte. Percebo, entretanto, claramente, muito amor e respeito por *Ainda estou aqui*. Penso que Walter Salles, que já teve indicado, na categoria, o *Central do Brasil*, em 1999, é

alguém que a indústria conhece, respeita e por quem torce. Então, não ficaria surpreso. Não seria nenhuma decepção se o filme ganhasse o prêmio de melhor filme internacional.

**Como está a produção brasileira, sob o olhar estrangeiro?**

Vejo um expressivo interesse no cinema da América do Sul — em particular, olhos em cima do cinema do Brasil e da Argentina, países com diretores talentosos em atividade. Gabriel Mascaro (recém-premiado no Festival de Berlim) é uma espécie de realizador mais jovem que integra uma nova geração, e o seu filme *O último azul* ficou em segundo lugar no Festival de Berlim. É um filme maravilhoso. Ele mostra realmente a beleza do país e o espírito das pessoas, ao mesmo tempo em que é muito crítico em relação ao sentido político. Com o cinema brasileiro, também acho que há uma verdadeira atração do resto do mundo. Para além apenas do tipo de cultura, penso que há um grande interesse por esse tipo de história política muito conturbada que o país teve, sobretudo no período de *Ainda estou aqui*.